



APRESENTAÇÃO

ENTRE GESTOS E SILÊNCIOS, O DOM DE PERMANECER

Este dossiê nasce como um gesto de aproximação, discreto, mas firme, e convida os colegas da Academia de Escritores do Litoral Norte/AELN a adentrarem as próximas edições da *Revista Cadernos Bauman* não apenas como autores, mas como aqueles que se permitem existir também no intervalo, na sombra breve, no instante quase invisível que sustenta a vida. O leitor encontrará aqui um coro plural: narrativas que tocam o chão da experiência, poemas que respiram fundo diante do tumulto do mundo, prosas que interrogam o tempo, memórias que se iluminam à medida que avançam. Entre encontros improváveis à beira-mar, despedidas que ainda ardem, jornadas literárias que transformam a própria vida, delírios sociais que desafiam qualquer senso de normalidade, e os perfumes que se tornam morada da ausência, revela-se uma constelação de sensibilidades que escolhem permanecer quando tudo parece querer ruir.

Sandra Bittencourt, Neri Luiz Cappellari, Juliana Goularte Mabilia, Evanise Gonçalves Bossle, Gabriel Fernandes Machado, Paulo Roberto Martins, Marisabel Lehn e Wellington Lima Amorim escrevem com a delicadeza de quem sabe que a palavra é abrigo, frágil às vezes, mas suficiente para defender o que insistimos em não perder. Em cada texto pulsa uma mesma vibração: a ternura que resiste, o gesto mínimo que sustenta o humano, a revelação que nasce quando o silêncio nos obriga a olhar de novo. “Entre o silêncio e o gesto” não é uma coletânea para ser lida apressadamente: é para ser tocada, escutada, atravessada. Um convite à pausa. À escuta. À descoberta do que, mesmo rodeado por ruídos e urgências, ainda nos mantém inteiros.

Prof. Dr. Wellington Lima Amorim

Editor-Chefe da *Revista Cadernos Bauman*

CONTRABANDISTA DE CONCEITOS: Filosofia, Psicanálise e as ruínas do mundo moderno.

O DOM DE TOM

Sandra Bittencourt¹

Depois de dias carrancudos, o sol aparece para nos saudar no litoral do Rio Grande do Sul. Abro a janela, ouço pássaros cantarolando, a brisa suave nos convida a sair de casa. Me visto com uma túnica branca de renda, talvez de lenda, chapéu de palha e óculos. Passo pelo corredor, abro a porta que dá para a varanda, sinto um calor no coração. Descalça, saio rumo à beira mar. Quero sentir o chão, as pedras, a areia. Quero a liberdade! Caminhando chego até a avenida principal. Em uma sinaleira, passo por uma criança parada pronta para atravessar, ela está mexendo muito o corpo, balançando a cabeça, estava feliz igual a todos pelo dia lindo. Olho para esquerda, um carro distante vem, atravesso correndo, movida pelo desejo enorme de sentir a areia em meus pés e a água em meu corpo. Ao cruzar, algo me faz olhar para trás, percebo que aquela criança não via o mundo como os outros. Volto correndo em sua direção, com uma sensação horrível pela limitação do meu olhar. Afoita, sem ar, me apresento. Pergunto se posso ajudá-lo: meu Deus claro que sim, pois ali não havia sinal sonoro, eu mesmo perguntava e respondia, tamanho era o meu desespero. Atravesso novamente, dessa vez, com ele segurando meu braço, sendo apoio para a sua travessia. Seu nome: Tom! Sonoro. Ecoou em mim.

Chegamos ao calçadão!

- Onde quer ficar?

Tom musicalmente diz:

- Com você!

¹ Ocupante da cadeira 29 da Academia Escritores do Litoral Norte/AELN. Patrona Luciana Abreu. Email: contato.mariafarinha@gmail

Assustada, mas com um sorriso de orelha a orelha, me deixa levar e saímos. Conto a ele sobre as pedrinhas portuguesas no calçadão: formam desenhos de golfinhos, baleias, tartarugas, peixes e caranguejos. O menino passa os dedos pelas pedras experimentando, explorando as imagens ali grafadas. E assim, ainda em terra firme, vamos dançando pelo fundo do mar. Guiada por Tom, vou até a passarela que nos leva rumo à areia: um caminho grande, feito de madeira de diversas cores, ou melhor, tons. A sua mão desliza pelo corrimão, enquanto o seu sorriso desliza de orelha a orelha. Com os pés livres, sentimos a temperatura e a textura das tábuas. Pisamos na areia, sentimos as conchas tocando as solas. Brincamos de construir castelo, desenhamos o sol com os dedos. Escrevemos nossos nomes e, ao passar a mão pelas letras, ele me diz o quanto o meu é grande e o dele é pequeno, corrijo-o: pra mim Tom não é pequeno, e, sim, imenso na sua plenitude. Avisto o quero-quero e conto a ele sobre os tons das suas penas brancas, cinzas e pretas, falo sobre suas pernas longas e finas, seu bico alongado e seu belo voo em busca de um bom petisco. Ouvimos juntos o seu canto agudo: uma querência de uma canção cheia de nuances, tons que colore o sorriso de Tom.

De repente, o piá solta a minha mão, sozinho, caminha rumo ao mar, toca a água, a onda bate em seu tornozelo, encobre seu joelho, ele abre os braços, dá um suspiro tão profundo que posso ouvir e até mesmo sentir, mesmo estando bem atrás. Quero protegê-lo, ele me chama, ao me aproximar, o fitei e flagrei que dos seus olhos escorria um filete de água, que caía para se juntar ao mar. Conto a ele que meu pai falava que o mar é uma poção de choro que virou alegria para o outro. Uma emoção tomou conta de nós. Aquela momento ficou fotografado em mim. Tom segura minha mão, a passa pelo meu rosto e diz:

- Obrigada por me trazer em um lugar tão lindo: foi a primeira vez que vi o mar!

Nossas mãos se encontram e ali ficamos, até que nosso tempo é quebrado por uma voz a chamar: Tom, Tom, cuidado! A senhora bastante assustada se aproxima e o abraça. Ele diz:

- Relaxa vovó! Minha amiga Inaiê me trouxe para conhecer o mar: ele é mais bonito e muito maior do que imaginei!

Ela me agradece, ele me abraça. Com sorrisos de orelha a orelha, nos despedimos. Fico a contemplar uma linda tela: a arte de aprender com Tom o dom de olhar!

PAUSAS PARA SOBREVIVER

Neri Luiz Cappellari²

Estamos com pressa. Muita pressa! Pressa para bater o ponto no trabalho. Pressa para amar, para abraçar, para ouvir, para o lazer, para conversar sobre as coisas simples do nosso dia a dia. Até deixar de pegar aquele ônibus lotado não é uma opção. Afinal, o ponto te espera no trabalho - e ele é implacável e preciso. Vivemos em um mundo frenético. A própria Terra parece estar girando mais rápido, e temos a impressão de que somos obrigados a correr para manter o seu ritmo ou cairemos no vazio. A rotina começa pela manhã quando nos vestimos rapidamente. Depois, literalmente, engolimos o café da manhã e corremos para a parada de ônibus mais próxima. O *stress* começa cedo quando nos deparamos com um engarrafamento quilométrico na hora do pico - o que é comum nas grandes cidades. Até aquela fila no supermercado - que não anda - é motivo de ansiedade. Quantas vezes adiamos aquele passeio na praça, junto com a família, por falta de tempo? Em quantas situações, deixamos de trocar um carinho, um abraço porque temos pressa? Às vezes, sentimos culpa por não sermos mais aplicados, mais eficientes, mais ágeis. Contudo, haveria uma maneira mais equilibrada de lidar com o *stress*, a culpa, a ansiedade, a angustia que nos cercam?

Talvez, sim. A princípio seria difícil, mas não impossível, rebelar-se contra o que parece ser a ordem do dia. Será que não podemos simplificar nossa agenda diária? Com isso, nós iríamos desacelerar o passo. Quem sabe sobre um espaço para dar uma atenção maior a um familiar ou amigo que precise de nossa atenção? Sobre aquele sentimento de culpa por não sermos mais eficientes, aplicados, ágeis, em nosso cotidiano, devemos nos lembrar de que não somos máquinas. Precisamos, sim, ir em busca de um ritmo de vida de acordo com os nossos passos, sem cobranças, sem metas impossíveis de alcançar. Se tivermos que pegar aquele ônibus lotado para não nos atrasarmos - não há problemas - isso

² Ocupante da Cadeira número 20 da Academia de Escritores do Litoral Norte/AELN. Patrono Dante de Laytano. E-mail: ncappe@gmail.com

faz parte da rotina das grandes cidades que não tem um sistema de transporte público bem dimensionado. No momento em que ficarmos presos em um engarrafamento, podemos avisar o nosso chefe explicando a situação. Após isso, é só ligar a *playlist* por nossas músicas preferidas e vamos *curtir* a viagem. Em fins de semana, podemos levar nossas famílias para passear, brincar com nossos filhos. Vivamos o presente, sem atropelos, sem corridas desnecessárias, sem queimar etapas da vida pensando em um futuro que chegará, um dia. Logo, tudo tem seu tempo!

Embora se desvincular da pressão frenética do dia a dia nem sempre seja uma opção, nós podemos encontrar formas mais equilibradas de lidar com o *stress*, a angustia, a ansiedade que a correria do mundo moderno nos gera. O nosso planeta não está girando mais rápido, e nós não vamos despencar se resolvermos dar uma pausa para repensarmos nossas rotinas. Ainda que sejamos impelidos a acompanhar uma roda que gira freneticamente impulsionada por agendas e horários, necessitamos de paradas para respirar, para amar, para ouvir, para abraçar, para viver e ... sobreviver.

QUENTE OU FRIO

Juliana Goularte Mabilia ³

Ele não sabia mais em que momento da vida deixou de se importar tanto. De sentir tanto. Demétrio tinha apenas uma coisa que fazia-o parar e naquele momento se deixar pensar. Não eram breves esses momentos, mas havia uma nostalgia sempre que acontecia. Ele pegava seu cantil, bem gelado. Se demorava a abrir, como se estivesse contemplando a grande questão da existência do universo. Depois, ele abria e inspirava com toda a calma que ele poderia ter adquirido ao longo dos anos. O momento, aquele momento de nostalgia, acontecia no exato instante que Demétrio tocava os lábios no cantil e deixava a bebida entrar. No início ela era gelada, mas em questões de segundo ela queimava assim que descia pela garganta. Esses eram os únicos momentos que Demétrio sentia algo. Muito diferente do momento que ele se via atualmente. Parado em frente a uma porta de metal grande e gelada. E ele sabia que ao entrar nela, não sentiria o esquentar na garganta e no corpo. Era tudo frio.

³Ocupante da Cadeira Nº 24 da Academia de Escritores do Litoral Norte/AELN. Patrona Lila Ripoll.
E-mail: julianagoulart90@yahoo.com.br

Frio e morto. Demétrio havia passado dias, semanas, meses procurando-a. Vagou por toda cidade, e odiou o fato de Porto Alegre ser grande. Queria estar em uma cidade pequena, onde no momento que dissesse o nome dela, as pessoas saberiam quem era e poderiam lhe ajudar. Mas não. Eram muitos os lugares que ele teve que perambular desde o momento que chegou em casa e não a viu. Pensou que ela deveria ter ido ao supermercado, no outro dia seria domingo. Ela deveria ter ido comprar a carne para o tradicional churrasco aos domingos. Ela adorava rotinas. Eu sempre lhe avisei para não fazer o mesmo percurso. Havíamos entrado no século XXI, as coisas não eram mais como antes, a cidade não era mais a mesma. Principalmente os homens.

Demétrio queria continuar divagando, qualquer coisa era melhor do que entrar naquela sala. Porém a porta se abriu, como um convite, e um homem de jaleco branco e rosto cansado esperava lá dentro. Ele esperava ao lado da maca hospitalar toda de metal, onde um corpo jazia ali sob um lençol azul. Esse foi o momento que Demétrio parou de sentir as coisas. Parou de se importar com o mundo, pois o mundo dele havia partido. Seus passos mal fizeram barulho enquanto ele andava para dentro da sala e se posicionava do outro lado da maca. O legista estendeu a mão para o lençol e puxou até o peito, revelando um rosto. Era naquele momento que Demétrio precisava fazer o reconhecimento. Mas era impossível reconhecer alguém tão brilhante, feliz e ousada com aquele corpo frio, sério e sem vida. Eram iguais e isso fazia Demétrio querer chorar. Mas ao mesmo tempo eram tão diferentes e isso fazia Demétrio querer beber. Ele olhou pela última vez aquela mulher, sua mulher, e desde então nunca mais sentiu nada. A bebida dali por diante era a única coisa que aquecia seu peito, da mesma forma que sua esposa fazia. A bebida dali por diante era sua única companheira, assim como um dia sua mulher foi. A bebida dali por diante poderia matá-lo, e então ele poderia ver aquele corpo frio se tornar quente mais uma vez.

A INESQUECÍVEL JORNADA DE LITERATURA

Evanise Gonçalves Bossle⁴

Aline chegou às 18h, estava fazendo o estágio de Língua Portuguesa em uma pequena escola no município de Imbé às tardes, durante as manhãs trabalhava em um escritório contábil. Antes de entrar em casa para tomar um café e correr para o ônibus da Faculdade às 18h40, buscou na caixa de correspondência as cartas das amigas que lhe escreviam de Caxias do Sul, sua terra natal.

- Mãe, recebi uma correspondência do Instituto Estadual do Livro, estou radiante, receberei menção honrosa, no V Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, 1997. E agora, será que vou?

- Minha filha, esse mês estamos com dificuldades financeiras, o teu pai ajudou a pagar o ônibus da faculdade, mas não sobrou muita coisa, e o teu salário no escritório mal dá para as mensalidades, não temos dinheiro para a viagem.

- Aqui diz que de Porto Alegre até Passo Fundo irei em um ônibus disponibilizado para os autores premiados, os palestrantes da Jornada, alguns jornalistas e pessoal de editoras. Só preciso do dinheiro da passagem até Porto Alegre. Mas vemos isso amanhã, vou correr senão perco o ônibus da faculdade. Beijos.

Aline foi para a faculdade com o coração aos pulos. Era o primeiro prêmio que receberia, já tinha muitos poemas e contos escritos, mas só teve a coragem de participar de um concurso quando esteve em uma Feira do Livro de Pinhal e lá, depois de assistir a uma palestra de Moacyr Scliar ele, comentou durante o bate-papo com os leitores, respondendo a uma pergunta sobre como ser conhecido e publicar livros, segundo o autor, a melhor maneira seria participar de concursos e eventos literários. Então tomou coragem e se inscreveu. Na noite anterior ao evento que receberia o certificado pelo conjunto de contos,

⁴ Ocupante da cadeira 6. Patrono Moacyr Scliar. Email: evanisegbossle@gmail.com

Aline nem dormiu, pegou o ônibus de linha de Tramandaí até Porto Alegre. A mãe vendera uns pastéis e cocadas para ajudar nas despesas. Lá em Porto Alegre ela foi de táxi até a entrada do Palace Hotel e aguardou o ônibus que a levaria até Passo Fundo.

Aquela garota magrinha, tímida, humildemente vestida que estava no quarto semestre de Letras, entrou no ônibus executivo pela primeira vez, com o coração acelerado, lá conheceu alguns dos seus escritores favoritos, Charles Kiefer, Luís Augusto Fischer, Carlos Eduardo Degrazia, Dr. Fernando Lucchese, entre outros. Uma viagem fantástica de muito conhecimento que só aumentou na chegada em Passo Fundo, na Jornada de Literatura. Aline foi convidada ao paco central, ela tremia, parecia tudo parte de um conto fantástico ou de um sonho, mas era real. Ela tinha um discurso, mas não leu, nem lembrou o que ensaiou para dizer, somente um.. Obrigada, a todos. Na viagem de volta, poucos autores, vários ficaram na cidade para o ciclo de palestras. Aline gostaria de ter participado do evento, das palestras, mas sem dinheiro para o hotel, e não fizera a inscrição que era com antecedência, mesmo assim foi um dia inesquecível.

- Vamos parar na churrascaria para o almoço, disse um dos escritores no ônibus.

E, agora? Aline só tinha uns trocos para um lanche e a passagem de volta para Tramandaí. Mas foi surpreendida com o convite para descer do ônibus e se juntar aos demais para o almoço. O Dr. Lucchese e sua esposa a convidaram para almoçar e pagaram seu almoço. Aline não sabia como agradecer a gentileza. Talvez apenas, com essa singela lembrança em um novo conto.

O AMOR É ESTRANHO⁵

Gabriel Fernandes Machado⁶

Um gole de uísque escorre pesado pela garganta de Joaquim, como se dissolvesse um pedaço da noite, da cul-pa, do passado. Estava sozinho, como de costume. Não pela falta de opções, isso nunca lhe faltou, mas pela inconsistência que levava no peito, essa mania de querer tudo e fugir quando tinha. Chamava isso de liberdade, mas, de verdade, era solidão com outro nome. O bar estava cheio, mas ele só via o fundo do copo. Até que um vulto familiar cruzou o seu campo de visão, interrompendo o curso dos pensamentos dispersos. Lili. Ela sempre teve esse poder sobre ele, causa-lhe um desequilíbrio doce no estômago, um tipo de dor que fazia bem. Era como se movesse seu coração. Tinha amadurecido com delicadeza, como um vinho que aprendeu a repousar bem em sua garrafa. Sorriu ao vê-lo, como quem reencontra uma lembrança que nunca doeu.

— Joaquim? — disse, tocando levemente seu ombro.

Ele levantou o olhar. Não sorriu. Apenas tragou mais um gole.

— Lili... - respondeu, com uma voz que queria parecer firme.

Conversaram por minutos que pareciam deslizar entre um tempo antigo e o agora. Joaquim a olhava como se tentasse medir as distâncias entre o que foram, o que desejava e o que jamais seriam. E então perguntou:

— Tu és feliz? Casada e criando a filha de outra mu-lher? Eu sinto que sim... e lamento. Isso eu jamais poderia te dar. O amor é estranho.

⁵ Baseado no poema quadrilha, de Carlos Drummond de Andrade.

⁶ Ocupante da cadeira 22 da Academia de Escritores do Litoral Norte/AELN. Patrono Manoelito de Ornellas. E-mail: fernandesgabriel1212@gmail.com

Lili não hesitou nem por um segundo, o silêncio foi suficiente para dizer a verdade. Tocou de leve a mão dele.

— Tu me causaste uma saudade bonita, imaginando o que poderia ter sido. Mas nunca foste inteiro, Joaquim. E eu... bem, eu quis a completude que tu não sabias me dar.

Ele assentiu. Como quem aceita uma sentença antiga e, diante do copo vazio, engoliu a saliva. Ela se despediu com um sorriso, e foi embora, levando consigo tudo que ele fingia não precisar. De volta à mesa, seu marido, J. Pinto Fernandes, que avistara a conversa sem saber da história, perguntou com quem ela falara e Lili respondeu com indiferença:

— Um colega do ginásio.

Tempo depois, outra mulher, que ainda não tinha entrado na história se aproximou. Recém-divorciada, bonita do jeito exausto de quem cansou de fingir que não deseja. Tinha um vestido curto demais para a dignidade e uma expressão que gritava liberdade à custa de qualquer precariedade. Foi ela quem serviu de muleta para Joaquim andar até a própria ruína. Conversaram pouco. Ela cruzou as pernas sem pudor, revelando-se por completo. Joaquim notou os pelos espessos na base do púbis, e por um instante, sentiu-se vivo. Era carnal, lânguido por prazer. Aquela mulher queria ser desejada, não amada, não compreendida, apenas desejada. Deixaram o bar. Foram para um quarto alugado por hora, num motel de beira de estrada, com cheiro de desespero e desinfetante barato, com requintes de insalubridade. Ela o tocou, sussurrou frases sem conteúdo, mordeu seus lábios. Mas na mente dele, só Lili. A lembrança daquele sorriso, o toque do passado, do que nunca foi. O corpo não respondia. A memória pesava demais.

— Isso nunca me aconteceu – disse ele, levantando-se, envergonhado.

— Acontece, querido. – respondeu ela, vestindo-se sem pressa, como quem já conhecia bem a frustração. Com desprezo, finalizou – cada um carrega seus mortos.

Ao sair e fechar a porta, ainda no corredor, houve um único som seco, surdo, como o fim de um suspiro. Um tiro.

QUANDO O PERFUME SE TORNA MORADA

Wellington Lima Amorim⁷

Há gestos que são quase incompreensíveis ao mundo,
mas perfeitamente claros ao coração.

Pequenas coisas, ditas sem cálculo,
que revelam um cuidado antigo,
amor que não se anuncia, apenas respira.

Quando ela disse:
que não lavaria o cabelo,
porque ele está com o meu perfume,
houve um silêncio diferente no meu coração.

Não era pausa.

Mas, revelação.

Ali, o tempo parou um pouco,
como se o instante tivesse peso.
O cabelo, que sempre foi só cabelo,
tornou-se agora minha morada.

Lugar onde se guarda alguém.

Meu ser sorriu:
o ser não se explica,

se mostra,
no mínimo detalhe,
do que permanece.

Ela me levou nos fios.

Nos gestos lentos de prender o cabelo atrás da nuca.
Na curva dos ombros quando ela se prepara para dormir.

⁷ Ocupante da cadeira número 39. Patrono Benedito Saldanha. Email: wellington.amorim@gmail.com

No jeito que a cabeça descansa sobre o travesseiro,
sem querer que a noite passe depressa.
E eu fiquei ali.
Não no corpo dela, mas no que o corpo recorda.
Porque o corpo sempre acorda primeiro,
antes da mente ou da palavra.
Eu falaria de aura,
desse brilho sutil que vive,
no que não pode ser reproduzido.
Meu perfume ali,
não como fragrância,
mas como presença.
E então,
quando ela caminha,
o ar ao redor dela sou eu.
Não completamente,
mas o suficiente para que a saudade respire.
Há algo de sagrado nisso.
Não a sacralidade da religião,
mas aquela outra, íntima,
que aparece quando duas peles se reconhecem,
mesmo longe.
Eu chamaria isso de excesso.
Porque é sempre mais do que caberia numa explicação.
É abandono e cuidado ao mesmo tempo.
Entrega que não se anuncia teatral,
mas acontece no cotidiano,
na toalha, espelho, travesseiro.
Ela não lavou o cabelo.
E isso diz mais do que qualquer declaração apressada.
Porque lavar o cabelo seria, por um instante,

se afastar de mim.
E ela não quis.
Então eu permaneço,
naquilo que o vento toca quando passa por ela.
Na forma como o mundo se inclina ao redor
dos fios que ainda guardam o meu cheiro.
O amor, às vezes, é isso:
recusa suave,
de deixar o tempo levar tudo.
Um gesto pequeno
que torna a ausência menos dura.
Uma escolha que diz:
**"eu ainda estou contigo,
mesmo que em silêncio."**
E talvez seja nessa delicadeza
que o amor continuará vivo.
Não gritando, reivindicando,
mas **guardando a esperança.**
Ela disse que não lavaria o cabelo,
porque meu perfume ainda está nele.
E ali,
sem que ninguém percebesse,
o mundo aprendeu um novo modo de permanecer.

FRONTEIRAS DO DELÍRIO

Paulo Roberto Martins⁸

Quando imaginamos que a sociedade já atingiu os mais baixos níveis de degradação possíveis, sempre somos surpreendidos por um degrau a mais na escada descendente de um poço que não tem fundo. Os transtornados de todos os matizes sempre têm novidades impensáveis e surpresas as mais diversas. Agora protegidos pela flexibilidade da moral da pós-modernidade, estes seres “fora da curva” inundam o meio ambiente com inéditas bizarrices e uma salada de transtornos, que encontram numa grande parcela dos inocentes úteis defensores e piegas abonadores. O que parecia piada de mau gosto torna-se um direito, o que se via como insanidade transforma-se numa justificação. Pululam os advogados do excêntrico. A “normalidade” é adjetivada e os partidários do bom senso veem-se empurrados para a defensiva.

Eu senti que algo começava a estar errado já a muitos anos atrás, quando percebi que as tatuagens estavam saindo do cais, dos prostíbulos e das prisões para adornar os corpos branquinhos da classe média urbana. De linguagem identificadora de gangues, demonstrações piegas de sentimentalismo de marujos e prostitutas, caiu no gosto de braços e pernas das classes privilegiadas ou candidatas a tanto. Já dava para imaginar que outras portas do bizarro estavam se abrindo. Corpos que gritavam para serem vistos, em berrantes desenhos coloridos de decifração complicada, numa conceção exagerada e doentia ao narcisismo. O resto veio no rescaldo.

Como a invasão “pet”, que chegou com força. Mamães e papais de animais domésticos explodiram planeta afora. Cães e gatos vestidos de bebês e com nomes esdrúxulos (para animais) como Felipe, Augusto, Mariana, tornaram-se comuns, esgaçando o que já aparecia como uma doença mental preocupante, de necessário tratamento no campo da psicologia. Apesar de tudo, a sociedade aceitou, assimilou e acariciou esta perturbação inocente e quem não tinha seu “filhinho” quadrúpede é que passou a ser visto como anormal. Coisas do tempo e da relação de valores invertidos de uma época de loucura generalizada. O festival de

⁸ Ocupante da Cadeira número 34. Patrono José Paulo Bisol. E-mail: prm22011951@gmail.com

delírios continuou na moda tétrica de transformar o corpo, buscando imitar alguém ou alguma coisa. Pessoas que querem ser animais. Pretender parecer-se com artistas famosos ainda seria perdoável, embora ridículo. Imitar bichos, porém...

Revistas exibiam fotos de homens e mulheres que serravam seus dentes, esgaçavam olhos e narizes, decepavam orelhas, pintavam de cores berrantes sua pele, para parecer-se com felinos, cobras e lagartos. Felizmente(?) ficou bastante restrito àquelas sociedades que já parecem não ter outras mortais preocupações no cotidiano, como os europeus e japoneses. Uma variante é a mania de imitar algum animal de admiração. Jovens que miam ou latem. Andam de “quatro patas”, ganem, ronronam e dormem em gaiolas. Bem além do surrealismo. É a loucura total. Óbvio, a maioria é sustentada pelos pais. Afinal, bicho não trabalha.

Agora, no pós-ridículo, atingimos novo ápice. Depois de surgirem como uma excentricidade até cômica e brincalhona, como companhia de degenerados sexuais, as bonecas infláveis das décadas passadas, combinado com o brinquedo mais desejado pelas meninas deram origem às bonecas para adultos. Na geração da robótica, da IA, da tecnologia espacial, surgiram os “bebês reborn”, para gáudio de mulheres com sintomas graves de carência emocional, ou seja, lá qual o nome que se queira dar para esta necessidade angustiante de carinho e companhia. Bonecas que são aterrorizantes imitações de crianças mortas. Com milhões de órfãos e abandonados mundo afora, sedentas de um lar, as branquinhas da classe média escolheram amar seus inertes bonecos de plástico. As fronteiras do delírio são elásticas, os domínios da loucura e da insensatez são vastos e perturbadores. E parecem infindáveis.

Numa época em que cresce aterrorizante a pornografia infantil, a adultização, a prostituição e o estupro de crianças, os bebês artificiais estão protegidos e recebem as carícias que caberiam aos humanos. Até em termos legais. Mas se esta moda fosse de foro íntimo, ninguém teria muito com isso: cada louco com sua mania! O problema é que tem “mamães” querendo receber pensões do estado e a utilização de serviços de saúde públicos para tratarem seus brinquedos. Brigam na justiça pelo “pátrio poder”. Exigem certidão de nascimento em cartório e as regalias que nem as mães verdadeiras das classes desfavorecidas ainda tem acesso. Dizem que de perto ninguém é normal. Independente da noção de normalidade, permitam-me dizer que certamente estas criaturas não o são. Aqui

ser tachado de preconceituoso não me intimida. Pessoalmente a vantagem – para mim – é que na régua de comparação que traço com estas criaturas, satisfaço-me em observar que estou mentalmente bem. Como estava difícil encontrar parâmetros confiáveis, este serviu perfeitamente. Perdoem-me as mães de brincadeira.

Finalmente, aparentando não termos ainda atingido aquele último degrau bem baixo do poço de insanidades (o famoso “fim do mundo”), posso elencar outra novidade bem rasteira e doentia: o uso de crianças para ministrar cultos religiosos e arrecadar fortunas em díizimos e contribuições. Uma maldade que mistura credices com trapças. Concomitantemente aos bebês reborn, estamos entrando também na fase dos bebês profetas. Diferente dos primeiros, que afetam apenas a cabeça de quem os adquire, estes últimos são um perigo para toda a sociedade, principalmente para os mais vulneráveis cognitivamente. Duas aberrações monstruosas. Não consigo diferenciar entre o olhar de natimorto de um reborn e o olhar colérico de um mini profeta, ambos me dão um calafrio na espinha. Os “profetinhas” são nefastos, maliciosos e arrogantes. Protegidos por uma legislação capenga, mas principalmente pela ignorância das classes populares, eles prometem durar algum tempo, até que possamos descer o próximo degrau às portas do inferno. Ou que o bom senso e a lei entrem em ação, duas coisas difíceis de prever na pós-modernidade.

A POESIA NÃO TEM HORA

Marisabel Lehn⁹

A poesia não tem hora para nascer
Nasce ao entardecer
Ao anoitecer
Nasce no meio da noite
Nasce quando quer sair de dentro de mim
Quando quer se livrar das correntes do meu pensamento
Quer extravasar meus sentimentos
E sem saber

⁹ Ocupante da Cadeira nº Patrono..... E-mail: lehnmari@gmail.com

Ela me causa alívio
Quando sai de mim